

# e POLÍTICA IMPERIAL, SOCIEDADE ROMANA E OS FUNERAIS PÚBLICOS DE PERTINAX E SEPTÍMIO SEVERO

Wendryll José Bento Tavares (Orientando), Ana Teresa Marques Gonçalves (Orientadora)

Faculdade de História – FH

Universidade Federal de Goiás, 74001-970, Brasil

[wendryll1@hotmail.com](mailto:wendryll1@hotmail.com) e [anteresa@terra.com.br](mailto:anteresa@terra.com.br)

Palavras- chave: Festas, Política, Severos<sup>1</sup>.

## 1 INTRODUÇÃO

Durante o segundo semestre de 2010 e o primeiro semestre de 2011 continuamos as pesquisas iniciadas no ano anterior com a bolsa PIBIC. Se no primeiro ano nos envolvemos mais com problemáticas relacionadas com o uso que o Imperador Septímio Severo fazia das festividades públicas como formas de propaganda, no segundo ano de pesquisas nos centramos mais numa cerimônia específica. Escolhemos para a nossa análise o estudo dos ritos funerários que se seguiam à morte do Imperador, o chamado *funus imperatorum*.

Para tal desafio, escolhemos como principais fontes as obras *História Romana* de Dion Cássio e *História do Império Romano depois de Marco Aurélio* de Herodiano. Essas fontes, além de apresentarem descrições muito interessantes sobre o rito funerário em si, oferecem um conteúdo riquíssimo sobre o contexto histórico estudado, que trata o período histórico que compreende desde a morte de Cômodo em 192 d.C até a ascensão de Caracala em 211 d.C.

O espaço temporal analisado se inicia com o assassinato de Cômodo no último dia do ano de 192 d.C. e a ascensão em 193 d.C. do Imperador Pertinax. Diferentemente do último governante, Pertinax tinha a confiança dos Senadores por ser “não só o mais nobre em espírito como também forte fisicamente” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXIV. 1,5). Contudo, ele não era o preferido entre os soldados, que o aceitaram devido às ofertas financeiras feitas e também ao apoio que tinha de Leto (um dos assassinos de Cômodo) que era Prefeito do Pretório.

Durante seu governo, na visão de Dion Cássio, Pertinax foi não só de grande “humanidade e integridade, como também o maior administrador econômico e o mais

---

<sup>1</sup> *Revisado pelo orientador* – Autores: Wendryll José Bento Tavares (orientando) e Ana Teresa Marques Gonçalves (orientadora).

cuidadoso com o bem público” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXIV. 4,4). Segundo Herodiano, Pertinax “tentava uma mudança de rumo em direção à honradez e à ordem, dando amostras de um caráter afável e pacífico em suas aparições em público” (Herodiano, *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, Livro II, 4,1). Porém, os soldados mostravam-se cada vez mais insatisfeitos com a falta daquele poder que Cômodo lhes oferecia. Nesse contexto, “as tropas pretorianas e Leto fizeram uma conspiração contra ele[Pertinax]”(Dion Cássio, *História Romana*, LXXIV. 8.2) . Como desfecho deste impasse, os Pretorianos assassinaram Pertinax.

Após a morte do soberano, os soldados, notando que ninguém se atreveria a vingar a morte de Pertinax resolveram vender o Império. Os potenciais compradores eram Sulpiciniano (sogro de Pertinax e Prefeito da Cidade de Roma) e Didio Juliano (ex-Cônsul). Os dois disputaram na forma de um leilão e o último acabou vencendo a querela ao disponibilizar uma oferta maior.

Durante o governo de Juliano, os Senadores se mostraram insatisfeitos com seu governante por este tentar “renovar a memória de Cômodo e restabelecer a liberdade de ação que os militares tinham no seu governo” (Herodiano, *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, Livro II, 3,10). Enquanto isso, no cenário externo à cidade de Roma, três generais ganhavam força: “Severo, Nigro e Albino, o último era governador da Britânia, Severo da Pannônia e Nigro da Síria” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXIV, 14,4). Motivado por seus sonhos, Severo reuniu tropas com o apoio dos ilírios, proclamou-se “vingador de Pertinax” e após obter auspícios favoráveis marchou em direção à capital do Império. Juliano tentou organizar uma resistência, mas a aproximação de seu rival fez com que ele tentasse uma negociação para que o Império tivesse dois governantes. O Senado, percebendo o descontrole de Didio Juliano, o sentenciou à morte, “declarou Septímio Severo Imperador e concedeu honras divinas a Pertinax” (Dion Cássio, *História Romana*, LXXIV, 17,4).

Septímio, após chegar à cidade de Roma e controlar a situação militar fez algumas mudanças, como a reforma da guarda pretoriana. Nessa primeira chegada dele a Roma, ainda no ano de 193 d.C., ele realizou também duas cerimônias festivas, o seu triunfo e o *funus imperatorium* de Pertinax, ambos descritos por Dion Cássio que foi testemunha ocular das celebrações.

Depois disso, Severo venceu Pescênio Nigro e, em 197, venceu Clódio Albino, seu último adversário, um ano após a realização da festividade das Saturnálias. Em 202, Severo voltou a realizar festividades na cidade de Roma. Severo comemorou os dez anos no poder e

também o casamento de Caracala (seu filho) com Plautila, filha de Plautiano (Prefeito do Pretório). Passadas essas celebrações, o que a narrativa diônea nos apresenta é como Septímio iniciou seus filhos Caracala e Geta na política. Como última ação importante de Septímio, Dion Cássio mostra sua expedição à Bretanha e sua morte naquela província, passando o poder aos seus filhos no ano de 211 d.C. “Ele viveu 65 anos, nove meses e 25 dias, nascendo no dia 11 de Abril. De todo esse período, ele governou 17 anos, oito meses e três dias”(Dion Cássio, *História Romana*, LXXVII, 17,4).

A morte de Septímio fez com que seus filhos e sua esposa regressassem a Roma. Os dois rebentos viviam em permanente mal-estar, este que ficou evidenciado na viagem de retorno a Roma em que “nem paravam nos mesmos alojamentos, nem comiam juntos” (Herodiano, *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, Livro IV, 1,1). Quando os irmãos chegaram à capital, trazendo a urna com os restos mortais de Septímio Severo, fizeram um cortejo e depositaram a urna “no templo onde se venerava os sepulcros de Marco e seus predecessores” (Herodiano, *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, Livro IV, 1,4). Realizaram também a apoteose de Septímio Severo, descrita por Herodiano (Herodiano, *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, Livro IV, 2,1-11).

Nesse relatório final de pesquisas procuramos fazer algumas interpretações sobre as referidas fontes e relacioná-las com o período histórico estudado e ainda proceder a algumas discussões historiográficas acerca do tema. Muitas dificuldades marcaram nossa pesquisa e diversos elementos (como a distância temporal existente entre nosso tempo e o Império Romano do segundo para o terceiro século) tornaram nossa pesquisa trabalhosa, mas também muito prazerosa, pois conseguimos atingir os objetivos traçados no início do trabalho.

## **2 OBJETIVOS**

Nosso principal objetivo, o de nos inserirmos numa historiografia que trata do tema foi cumprido com sucesso, com a participação em congressos, publicação de artigos e inclusive a produção de um capítulo de livro, que será lançado no segundo semestre de 2011.

Outro de nossos objetivos era a tradução das partes necessárias para nossa análise das obras *História Romana* de Dion Cássio e *História do Império Romano depois de Marco Aurélio* de Herodiano. A primeira escrita originalmente em grego, depois traduzida para o inglês, e a segunda escrita em grego e traduzida para o espanhol.

Ainda se tratando de objetivos, nosso maior objetivo era estudar a sociedade romana localizada temporalmente na passagem do segundo para o terceiro século depois de Cristo e aplicar alguns conceitos para entendermos melhor aquele momento da História Romana. Esses estudos estão contidos de maneira sucinta nesse relatório, divididos da seguinte maneira: no tópico dedicado à metodologia, problematizamos os conceitos e abordagens que usamos em nossa análise. No tópico destinado aos resultados listamos as participações em congressos, oficinas e publicações decorrentes do projeto de pesquisa. No momento dedicado a discussão, nos centramos na análise dos rituais funerários de Pertinax e Septímio Severo, aplicando os conceitos explicitados anteriormente. Por último, apresentamos nossas conclusões e considerações finais acerca de nossa análise e nosso objeto.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia de nosso trabalho se baseou inicialmente no estudo do conceito de “imaginário”. Conceito este que ganhou muito espaço na historiografia no final do século XX com “a crise dos paradigmas de análise da realidade e o fim da crença nas verdades absolutas legitimadoras da ordem social e a interdisciplinaridade” (PESAVENTO, 1995: 09).

O estudo do imaginário até a “crise dos paradigmas” era relegado no Ocidente a uma posição secundária ante os estudos ditos racionais e científicos. Até esse momento, os objetos dignos de serem estudados eram aqueles que o consenso acadêmico considerava importantes para a dimensão do concreto. Pensava-se em dualidades, material/ imaterial, concreto/ abstrato. “O império do racionalismo, [...] o conjunto de crenças instituídas enquanto verdades [...] bloquearam durante muito tempo a diversificação e o aprofundamento das análises em ciências sociais” (SWAIN, 1995: 44).

Com o advento do século XX, o movimento científico que abrange desde as teorias físicas com Einstein e Heisenberg até a psicanálise de Freud começou a quebrar as “dualidades” do conhecimento. As noções da física quântica e da idéia de inconsciente, por exemplo, abriram novos caminhos para o entendimento de elementos não diretamente ligados à materialidade e à racionalidade como se conhecia.

No campo da História, essa renovação epistemológica vai acontecer devido aos estudos de alguns autores marxistas, como E. P. Thompson, Christopher Hill, Raymond Williams e também a chamada escola dos Annales, com suas várias “gerações”. Segundo Pesavento:

Desencantados com a rigidez e o economicismo de um marxismo ortodoxo, assim como rejeitando as velhas concepções positivistas de uma história factual, política e diplomática, a nova tendência passou a afirmar a não existência de verdades absolutas, marcando o recuo de uma posição cientificista herdada do século passado (PESAVENTO, 1995: 12).

Com essa nova tendência, o ofício de historiador foi restabelecido com base em novos objetos de estudo: “mentalidades, valores, crenças, mitos, representações coletivas traduzidas na arte, literatura, formas institucionais” (PESAVENTO, 1995: 13). Decorrente desse processo todo é que o estudo do imaginário começou a ser levado em conta nas ciências humanas e principalmente na História. Esse foi o processo que levou à definição do imaginário como um objeto de estudo; agora se faz necessário definir alguns elementos que o fundamentam. Esses elementos são respectivamente: imagem, símbolo, real e realidade (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003).

As imagens são construções baseadas nas informações obtidas em experiências anteriores (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003: 10). Assim sendo, quando fazemos a imagem de algum objeto não somos capazes de pensá-lo em sua totalidade, mas evocamos somente uma pequena parte daquele objeto devido às limitações de nossa percepção. Assim, quando invocamos a imagem de um carro não estamos evocando o carro com todas as suas estruturas e peças, mas sim uma imagem que construímos de carro diferente da que outras pessoas constroem desse objeto.

Isso significa que existe uma realidade fora de nossas percepções; os carros enquanto elementos materiais existem e estão por toda a parte em nosso cotidiano. Essa realidade em si mesma está, contudo, sempre sendo analisada e interpretada pelos homens e essas interpretações são responsáveis por transformar a realidade em real. O real é formado pelas interpretações que fazemos da realidade com todas “as idéias, signos e símbolos percebidos na realidade” (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003: 12). Essas interpretações são advindas das denominadas categorias, que exprimem as relações mais gerais que existem entre as coisas. Elas são capazes de dominar todos os detalhes de nossa vida intelectual. Toda a vida em sociedade só é possível porque temos semelhantes noções de tempo, espaço, gênero, número, entre outras (DURKHEIM, 1994: XXIV).

Quando evocamos a imagem de um carro estamos pensando em um ícone, pois é uma imagem mental que se caracteriza pela união ao seu referente (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003: 12). O símbolo, ao contrário, não possui uma imagem única, sendo caracterizado por seu caráter polissêmico que ultrapassa o seu referente e evoca diferentes sentimentos. Assim sendo, quando assistimos uma missa católica, os elementos ali presentes

durante a liturgia não são suficientes para se explicarem, a hóstia não é somente um pedaço de pão para o católico, assim como água benta não é somente água.

Esses símbolos são responsáveis por formar o imaginário. O imaginário é “atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa [...] o abstrato” (PESAVENTO, 2006: 12). Um católico é capaz de fazer algumas comunicações simbólicas durante uma missa que um protestante não consegue e devido às diferentes comunicações simbólicas existem diversos imaginários. O imaginário fala através do simbólico e o primeiro só existe por conta do segundo (LAPLANTINE; TRINDADE, 2003: 24).

O imaginário é, sobretudo, um elemento “organizador do mundo”. Ele “é um sistema de identificação, classificação e valorização do real pautando conduta e inspirando ações” (PESAVENTO, 2006: 12). Um budista, por exemplo (devido as comunicações simbólicas que faz), pensa sua existência e age de maneira bem diversa de um muçulmano, que possui um imaginário totalmente diferente.

Um exemplo interessante da variedade de imaginários existentes pode ser pensado a partir das diversas formas de tratar a morte. A morte é uma questão universal. Diferentes culturas elaboram “diferentes e complicadas explicações, principalmente sobre o depois da morte” (SILVA, 1993: 10). Tal afirmação é importante se relacionada com nossas inquietações sobre o Império Romano. Ao nos defrontarmos com essa problemáticas decidimos estudar os rituais funerários romanos porque nestes “a vida se torna transparente contra a escuridão da morte, e fundamentais produtos sociais e culturais são revelados” (METCALF; HUNTINGTON, 1991: 25).

Existiam entre os romanos diferentes tipos de rituais funerários: *funus indictivum*, *funus imaginarium*, *funus imperatorum*, *funus militare* e *funus publicum*, entre outros que não cabe aqui citar. Cada um tinha suas características específicas: o *funus indictivum* dado aos personagens ricos, o *funus imaginarium* era celebrado com uma estátua de cera (*imago*) representando o morto, o *funus militare* era dedicado aos soldados mortos em batalha e pagos por toda a legião, o *funus imperatorum* era celebrado ao Imperador morto e o *funus publicum* era pago pelo Estado em honra a um personagem de grande relevo (ARCE, 1990: 171). Contudo, esses funerais mantinham relações estreitas com outros e num mesmo funeral poderia haver características de vários tipos.

O imaginário por ser organizador do mundo, faz “apelo ao movimento, incitação à ação, estímulo à potência” (GIRARDET, 1987: 12-14). Escolhemos para nosso estudo o

objeto morte e as cerimônias fúnebres dos Imperadores Romanos. Ao relacionar as cerimônias fúnebres dos Imperadores com o conceito de imaginário, podemos tentar captar algumas noções do significado social da morte entre os romanos e a importância das cerimônias fúnebres para a própria noção de tempo romana.

Ao nos defrontarmos com a documentação que tratava dos funerais nos interessamos principalmente por aquela que fazia referência ao *funus imperatorum* e descrições destas cerimônias são encontradas em Suetônio, Tácito, Dion Cássio e Herodiano. A obra do último autor apresenta segundo J. Arce (ARCE, 1990: 13) e Ana Teresa Marques Gonçalves (GONÇALVES, 2002: 285), a descrição mais completa dos funerais. O seu autor versa sobre os funerais públicos de Septímio Severo. Dion Cássio, por outro lado, faz duas descrições de funerais, uma sobre o funeral de Augusto e outra sobre o funeral de Pertinax, dirigido por Septímio Severo e no qual Dion Cássio foi inclusive testemunha ocular. Optamos por fazer uso dessas duas fontes para, a partir daí, discutirmos algumas questões referentes ao Império Romano.

#### **4 RESULTADOS**

No balanço final desses dois anos de pesquisas, podemos enumerar como resultados importantes as diferentes publicações que fizemos. Publicamos três artigos nos anais eletrônicos da Revista Crônidas que possui o estrato B3 na avaliação nacional de periódicos Qualis CAPES. Contudo, nossa principal publicação foi a publicação do texto “RITOS FUNERÁRIOS E PODER POLÍTICO: RELENDO A OBRA DE DION CÁSSIO” como capítulo do livro “*Dinâmicas sócio-culturais na Antiguidade Mediterrânea: memória, identidades e imaginários sociais*”.

Apresentamos trabalhos também em quatro congressos, incluindo o Conpeex. Por último, gostaríamos de ressaltar também nossas participações em oito oficinas. Todas essas participações foram importantes resultados de nossa pesquisa, pois além de apresentarmos nossas idéias nesses eventos, pudemos também estabelecer debates e dinamizar nossos estudos.

#### **5 DISCUSSÃO**

Ao se tratar do tema proposto, primeiramente é interessante assinalar a relevância do estudo dos ritos fúnebres para a ciência histórica. Segundo as palavras de Ian Morris: “os enterros podem ser usados para escrever um tipo particular de história, aquela da estrutura social da antiguidade clássica” (MORRIS, 1992: 01). Mais ainda, este autor chega a proferir uma preposição muito interessante para aqueles que se interessam pelos ritos fúnebres: “o enterro é parte do funeral e o funeral é parte de um conjunto de rituais com os quais os vivos lidam com a morte” (MORRIS, 1992: 01).

Para entender alguns aspectos da relação entre vivos e a morte na sociedade romana é preciso recorrer aos relatos de Dion Cássio (Senador pertencente a uma família advinda da região da Bitínia) e Herodiano (personagem ligado a casa imperial). Primeiramente vamos analisar como se davam os preparativos para o funeral. Dion Cássio assim narra:

De um modo geral, estabelecendo-se no poder, ele (Severo) construiu um templo para Pertinax e ordenou que seu nome fosse mencionado no final de todas as preces e de todos os juramentos; ele também ordenou que uma imagem de ouro de Pertinax deveria ser levada até o Circo em um carro puxado por elefantes, e que três tronos dourados deveriam ser construídos nos outros anfiteatros em sua honra (Dion Cássio, *História Romana*, LXXV. 4)

Herodiano ao narrar essa primeira fase, assim a descreve:

É costume entre os romanos “divinizar” os Imperadores quando morrem e deixam seus filhos como sucessores. Esta cerimônia recebe o nome de *apoteosis*. Por toda a cidade aparecem amostras de luto conjugadas com festas e cerimônias religiosas. Enterram o corpo do Imperador morto da mesma maneira que o resto dos homens, com o acréscimo de um funeral suntuoso (Herodiano, *Historia do Império Romano depois de Marco Aurélio*, IV. 1).

Nessa primeira etapa podemos notar a importância do funeral para os sucessores do morto. Dion Cássio enfatiza a importância do funeral de Pertinax para Septímio Severo enquanto Herodiano enfatiza a relevância do funeral do Imperador morto para a transmissão do poder aos filhos. Isso acontece porque ao realizar o *funus imperatorium* de um homem, as instituições romanas estavam lhe concedendo o título de *divus*. Esse título implicava que aquele homem receberia “um templo, festas em sua honra, um sacerdote pessoal a seu serviço, em definitivo o que conhecemos como o culto Imperial” (ARCE, 1990: 125). Contudo, esse *divus* não era um deus em sentido pleno. Simon Price, por exemplo, classifica o “*divus* como uma subcategoria de deus” (PRICE, 1992: 77). Todos esses elementos nos fazem pensar no funeral como um “instrumento de propaganda” (GONÇALVES, 2002: 303) em que o vivo usava da imagem do morto para se colocar como seu natural sucessor, garantindo assim o mínimo de governabilidade.

Num segundo momento, o que os documentos nos relatam é também de grande importância. Dion Cássio descreve, assim, a realização do *funus imperatorium* de Pertinax:

Seu funeral, em despeito do tempo transcorrido de sua morte, foi seguido como os costumes. No Fórum romano uma plataforma de madeira foi construída rigidamente com mármore, sobre a qual estava um templo, sem muros, mas cercado por colunas, engenhosamente trabalhado de marfim e ouro. Nesse lugar estava colocado um ataúde com os mesmos materiais, cercado por bustos em ambos os lados e por animais marinhos e adornados com colchas púrpuras e ouro. Então, sobre o ataúde, foi colocada a efigie de cera de Pertinax, vestida com seus trajes triunfais com um jovem mantendo as moscas afastadas com uma pena de pavão, fazendo parecer uma pessoa dormindo verdadeiramente. Pouco depois do corpo ser deitado, Severo, os senadores e suas esposas se aproximavam, vestindo roupas matutinas; as mulheres sentadas nos pórticos, e nós homens sob o céu aberto. Depois, passava-se primeiramente, imagens de todos os romanos famosos do passado, depois coros de meninos e homens, cantavam um hino fúnebre para Pertinax; seguia-se a representação das nações conquistadas, mostradas em figuras de bronze trajadas em roupas nativas, e apresentação de representantes de todas as associações da cidade- litores, escribas, arautos e todo o resto. Depois vinham imagens de outros homens que se distinguiram por alguma façanha ou invenção ou por seus costumes de vida. Atrás de tudo isso estava a cavalaria e a infantaria armada, os cavalos de corrida, e todas as ofertas de funeral que o imperador, nós [senadores], nossas esposas, os mais distintos cavaleiros que as comunidades e as corporações da cidade tinham enviado. Depois um altar dourado e adornado com marfim e jóias indianas. Quando passou tudo, Severo subiu na rostra e leu um elogio a Pertinax. Nós gritamos nossa aprovação várias vezes durante seu discurso, ora elogiando ora lamentando, mas nossos gritos foram ainda mais fortes quando ele concluiu. Finalmente, quando o ataúde estava sendo movimentado, nós todos lamentamos e choramos juntos. O ataúde foi carregado da plataforma pelos altos sacerdotes e pelos magistrados, não somente aqueles que atualmente estavam no ofício, mas também aqueles que tivessem sido eleitos para o próximo ano; e eles passaram esse ataúde para os cavaleiros que o carregavam. Todos nós marchávamos frente ao ataúde, alguns batendo no peito, outros tocando flauta, mas o Imperador seguindo atrás de todos nós; e desta forma chegamos ao Campo de Marte. Lá uma pira tinha sido construída em formato de torre, tendo três pavimentos e adornada com marfim e ouro, bem como certo número de estátuas enquanto no topo tinha sido erigida uma carruagem que o próprio Pertinax havia dirigido. Dentro da pira, foram jogadas as ofertas e o ataúde foi posto no topo. Então Severo e os parentes de Pertinax beijaram a efigie. O imperador subiu numa tribuna enquanto nós, o Senado, excetuando-se os magistrados tomamos lugar numa plataforma de madeira para ver a cerimônia de forma segura e conveniente. Os magistrados e os membros da ordem eqüestre, vestidos de maneira conveniente, e da mesma forma a cavalaria e a infantaria fizeram uma procissão em torno da pira, fazendo intrincadas evoluções, tanto em situações de paz quanto de guerra. Então, o último dos cônsules aplicou fogo na estrutura, e enquanto o fogo ardia, uma águia foi solta. Dessa forma, Pertinax tornou-se imortal.” ( Dion Cássio, *História Romana*, LXXV. 4-5)

Vejamos também a descrição de Herodiano do *funus imperatorium* de Septímio

Severo:

Contudo, logo modelam uma imagem de cera, inteiramente igual ao morto e a colocam sobre um grande leito de marfim coberto de roupas douradas e tudo isso fica exposto no alto do átrio do palácio. A imagem reflete a palidez de um homem enfermo. O leito fica rodeado de gente na maior parte do dia. Os senadores se situam no lado esquerdo, vestidos com mantos negros; no lado direito estão todas

as mulheres as quais a dignidade de seus maridos ou pais as fazem participes desta grande honra. Nenhuma delas porta ouro nem colares, senão que, vestidas de branco e sem adornos oferecem uma imagem de dor. Esta cerimônia se cumpre durante sete dias. Cada dia os médicos chegam perto do corpo e cercam o leito, simulando que examinam o enfermo e a cada dia anunciam que ele piora. Logo, quando notam que ele está morto, os membros mais nobres da ordem equestre e os jovens escolhidos da ordem senatorial levantam o leito, o levam pela Via Sacra e o expõem no Fórum Antigo, no lugar em que os magistrados romanos renunciavam a seus cargos. De ambos os lados se levantam paredes dispostas em camadas; em um lado se coloca um coro de garotos de famílias nobres e patrícias e em seu oposto há um de mulheres de elevada dignidade. Cada coro entoava hinos e cantos em honra ao morto, interpretados em um ritmo solene e lamentoso. A seguir, voltam a carregar o leito fúnebre para fora da cidade, até o Campo de Marte, onde foi erigida, em um local mais aberto, uma construção quadrada de grandes madeiras que formam uma armação em formato de casa. Em seu interior está completamente cheio de lenha e por fora está decorado com tapetes tecidos em ouro, estatuetas de marfim e pinturas diversas. Sobre este corpo se levanta outro, semelhante em forma e decoração, mas menor e com janelas e portas abertas. Logo, há um terceiro e um quarto, sempre com o de cima menor que o de baixo até chegar ao último, o menor de todos. A forma desta construção é comparável às torres de luzes que há nos portos, cujo fogo orienta os navios durante a noite em direção aos portos seguros; são as torres conhecidas com o nome de faróis. Sobem logo o “caixão” e o colocam em um segundo compartimento. Espargem, então, todo tipo de incensos e perfumes da terra e despejam muitos frutos, ervas e sucos aromáticos. Não é possível encontrar nenhum povo nem cidade nem mesmo linhagem e categoria que não envie estas doações em honra ao Imperador. Quando se colocou um enorme monte de produtos aromáticos e todo o lugar está preenchido de perfumes, tem lugar uma cavalgada em torno da pira, e toda a ordem equestre cavalga em círculo, em uma formação semelhante, com suas cocheiras vestidas com togas bordadas em púrpura. Nos carros se colocam imagens com máscaras de generais ilustres e imperadores romanos. Cumpridas estas cerimônias, o sucessor do império pega uma tocha e acende a torre e todos os restantes acendem o fogo ao redor da pira. A pira acende facilmente e tudo arde sem dificuldade na grande quantidade de lenha e produtos aromáticos acumulados. Logo, uma águia é solta para que vá até o céu com o fogo. Os romanos crêem que ela leva a “alma” do imperador da terra até os céus. E a partir desta cerimônia ele é venerado com o resto dos deuses. (Herodiano, *Historia do Império Romano depois de Marco Aurélio*, IV. 1-11)

A partir da descrição da realização da cerimônia de *funus publicum* podemos notar alguns elementos relacionados ao imaginário do homem romano sobre as festividades, especialmente aquelas relacionadas a momentos de morte. O primeiro elemento é o do imaginário romano sobre as festividades em si.

Ao contrário do homem contemporâneo, o homem romano pensava as festividades como eventos sagrados. Essa condição das festas significava que durante a realização das cerimônias festivas o homem tinha “a oportunidade de ter uma experiência de uma boaventurança para si totalmente insólita, extraordinária” (GRAMMATICO, 1998: 32). Nas obras de Herodiano e Dion Cássio várias são as passagens que nos mostram essa presença do sagrado. Note-se que a cerimônia tem o objetivo de fazer com que o homem morto passe do mundo dos homens ao mundo dos deuses, por isso o aparecimento da águia que vai servir de meio de transporte para *novo numem*. A festa é no imaginário romano o próprio “tempo do

deus” (GRAMMATICO, 1998: 32). O caráter da celebração está tão impregnado dessa dimensão sagrada entre os romanos que a palavra latina *feriae*, que designa festa, possui um sentido de repousar e “render homenagens aos deuses com cultos e sacrifícios de vítimas imoladas” (GRAMMATICO, 1998: 35).

Atrelada a essa concepção de festa ao elemento sagrado está a concepção de tempo durante as festividades fúnebres. Podemos perceber que durante a ritualização um período de tempo é reservado às figuras do passado. Dion Cássio fala das imagens dos romanos famosos do passado e Herodiano fala das imagens com máscaras de generais ilustres e Imperadores. Percebemos, assim, que o “tempo não é um transcorrer amorfo, homogêneo e indiferenciado, senão uma dimensão que possui caráter cíclico e momentos reiterativos [...] que configuram este caráter” (BARCELÓ, 1998: 79). Essa volta dos grandes homens do passado nada mais é que o estabelecimento de uma dimensão cíclica no tempo humano. As realizações dos funerais de Pertinax e Septímio Severo por parte de seus sucessores como a primeira das festas narradas mostram também o caráter cíclico da festividade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa enquanto rito permite ao homem romano que o “que aconteceu *ab origine* possa ser repetido” (ELIADE, 2001: 17). Ao ser retomado o passado, os Imperadores nada mais estão fazendo do que se legitimando novamente, usando o *topos* da História como a mestra da vida (KOSELLECK, 2006: 43) e como não poderia deixar de ser, esses usos estão inseridos dentro do imaginário romano a respeito das festas na passagem do segundo para o terceiro século depois de Cristo.

Assim sendo, ao pensarmos a sociedade romana devemos considerar o grande espaço temporal que separa esse dois momentos, o nosso e o dos romanos. Podemos, contudo, usar dos conceitos como uma forma de tornar aquele momento da história humana inteligível para o homem do século XXI.

O que podemos concluir ao analisar essas festividades é que existe uma presença constante do sagrado nas cerimônias e um uso político deste sagrado. O que é político e o que se refere ao sagrado se tornam inseparáveis e neste contexto todo o sistema religioso romano ganha dupla função. A função de mediar as relações entre o humano e o sagrado e outra que seria providenciar ordens divinas para reforçar certas concepções sociais (POTTER, 1999: 125).

## REFERÊNCIAS

### REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

DION CASSIO. **Dio's Roman History**. Transl. by Earnest Cary. London:William Heinemann LTD, 1961. V.9.(LOEB).

HERODIANO. **Historia del Império Romano después de Marco Aurélio**. Trad. Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, J. *Consecratio*. In: **Funus Imperatorum los funerales de los emperadores romanos**. Madrid: Alianza , 1989. p.125-157.

ARDANAZ, Santiago Fernández; FERNÁNDEZ, Rafael González. El *consensus* y la *auctoritas* en el acceso al poder del Emperador Septimio Severo. **Antiguidade Cristã**. Murcia, XXIII, p. 23-37, 2006.

BARCELÓ, Joaquín. El sentido religioso de la fiesta en el mundo antiguo. In: **La fiesta como el tiempo del Dios**. Santiago: Iter Ensayos, 1998. p. 77-88.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude**. Trad: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2002. p.61-79.

BIRLEY, A. R. **Septimius Severus: The African Emperor**. London: Routledge, 1999.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BICKERMAN, E. *Consecratio*. In: **Le Culte des Souverains dans l'Empire Romain**. Genève: Fondation Hardt, 1973. t.19, p.3-25.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **A Construção da Imagem Imperial: Formas de Propaganda nos Governos de Septímio Severo e Caracala**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Como Transformar um Homem em Deus: A Consecratio do Imperador Romano Pertinax. **Cronos**. Pedro Leopoldo, v. 10, p. 21-40, 2006.

GRAMMATICO, Giuseppina. La Fiesta como el tiempo del Dios. In: **La fiesta como el tiempo del Dios**. Santiago: Ier Ensayos, p. 31-46, 1998.

GRANT, M. **The Severans: The Changed Roman Empire**. London: Routledge, 1996.

GUARINELLO, N. L. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: Jancso, Istvan; Kantor, Iris: **Festa Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp, 2001, p.969-975.

LAPLANTINE, F; TRINDADE, L. **O que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MACHADO, C. A. R. **De Homem a Deus: o ritual da apoteose na Roma Antiga**. Texto xerografado, s.d.

MORRIS, Ian. **Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity**. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1996.

PEACHIN, Michael. Rome the Superpower. In: POTTER, D. **A Companion to the Roman Empire**. Oxford: Blackwell, 2006. p.126-152.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n° 29, p.9-27, 1995.

PETIT, Paul. **Histoire générale de l'Empire romain**. Paris: Seuil, 1974. v.2.

PLATAGEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: **História Nova**. Roger Chartier. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes: 2005. p.391-427.

POTTER, David S. Roman Religion: Ideas and Actions. In: POTTER, D.S; MATTINGLY, D.J. **Life, Death, and Entertainment in the Roman Empire**. Michigan: University of Michigan Press, 1999. p. 113-167.

PRICE, Simon. From noble funerals to divine cult: the consecration of Roman Emperors. In: CANNADINE, D.; PRICE, S.; **Rituals of Royalty Power and Ceremonial in Traditional Societies**. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1999. p. 56-105.

ROMANO, Ruggiero (dir.). Festa. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. Vol. 30, p.402-413.

SILVA, Eliane Moura. **Vida e Morte: O Homem no Labirinto da Eternidade**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: **História no Plural**. Org: Tânia Navarro Swain. Brasília: Editora UNB, 1994.

TOYNBEE, J.M.C. *Death and Burial in the Roman World*. Londres e Southampton: Camelot, 1971.

YÉBENES, Sabino Perea. *Imago Imperatoris, ad Sidera!* El funeral de los emperadores romanos, la apoteosis y el “cuerpo doble”. **Oppidum**, Segovia vol. 1, pp. 103-120, 2005.